

## ANÁLISE DA ÉTICA CAPITALISTA DE JOÃO ROMÃO NA OBRA *O CORTIÇO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO

### ANALYSIS OF JOÃO ROMÃO'S CAPITALIST ETHICS IN THE NOVEL *THE SLUM* BY ALUÍSIO DE AZEVEDO

Maria Aparecida da Silva <sup>1</sup>  
Pedro Henrique Dantas Monteiro <sup>2</sup>

#### RESUMO

Busca-se, com este ensaio, discutir alguns elementos sociais e históricos que despontam no comportamento moral do personagem fictício “João Romão” da obra literária *O Cortiço* de autoria de Aluísio de Azevedo, tendo em vista, o estabelecimento de um campo de análise que possibilite mapear os elementos que fazem inferência no real, que se estabelecem no campo ficcional da literatura, podendo deste modo, construir um entendimento mais concreto das ações morais dos indivíduos que viveram nos fins do século XIX no Brasil, e que compartilharam das profundas mudanças que ocorriam na realidade histórica desse período. Para o estabelecimento da compreensão das ações morais de um indivíduo em particular ou de um conjunto de indivíduos no interior de uma sociedade, é necessário antes de tudo, entender o conjunto de elementos que perpassam a temporalidade, a cultura, a economia, a sociedade e a realidade política de onde está se propondo estabelecer a análise, pois, tais elementos são primordiais para entender o percurso da elaboração de um juízo moral. Como aporte teórico-metodológico para a construção desse ensaio, fizemos uso do método hermenêutico. E para além de Aluísio de Azevedo, também nos valem de autores como Max Weber, 2004; JANOTTI, 1999; PESAVENTO, 2006; José Murilo de Carvalho, 1990 e Marx, 1999, para fundamentação da análise.

**PALAVRAS-CHAVES:** O Cortiço. Brasil República. Ética.

#### ABSTRACT

This essay seeks to discuss some social and historical elements that emerge in the moral behavior of the fictional character “João Romão” from the novel *The Slum* by Aluísio de Azevedo. The work aims to determine a field of analysis, making it possible to map the elements already established in the fictional Literature that make inferences in reality. Then, it will be possible to build a better knowledge of the moral actions of individuals who lived at the end of the 19th century in Brazil, and who also participated in the deep changes that occurred in the historical reality of that period. In order to establish a knowledge of the moral actions of a particular individual or a group of individuals within a society, first of all it is necessary to understand the set of elements that keep on through time, culture, economy, society and the political reality of where it is proposed to establish the analysis. Such elements are essential to understand the route of a moral judgment conception. As a theoretical-methodological contribution to the construction of this essay, it was used the hermeneutic method. Over Aluísio de Azevedo, it was also used authors such as Max Weber, 2004; JANOTTI, 1999; PESAVENTO, 2006; José Murilo de Carvalho, 1990, and Marx, 1999, to support the analysis.

**KEYWORDS:** The Slum. Brazil Republic. Ethic.

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências da Educação pela ACU – Absolute Christian University. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). **E-MAIL:** maria.silva@ifpb.com.br

<sup>2</sup> Orientador do artigo. Mestre e graduado em História Política pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). **E-MAIL:** maria.silva@ifpb.com.br. **CURRÍCULO LATTES:** lattes.cnpq.br/3250236495130777

## INTRODUÇÃO

Serão abordadas, neste ensaio, algumas reflexões sobre as relações entre a narrativa histórica e a narrativa literária na busca por estabelecer uma compreensão e um intercâmbio entre estes espaços do conhecimento.

O estabelecimento do diálogo entre história e literatura, tem o intuito de fundamentar os campos do objeto que se apresenta no real, seja ele uma realidade material concreta; como um lugar uma coisa ou um ser; seja as relações sociais, políticas e econômicas de uma determinada temporalidade e espacialidade que foi abstraída pelo autor da obra e se fez representar no texto escrito. Portanto, faz a necessidade do estabelecimento de uma análise dos elementos históricos que predisõem a realidade, a qual está se desenvolveu tanto a representação literária, quanto os elementos de sua inferência no real, dependemos de uma abordagem histórica, com vista, a buscar os fenômenos necessários para compreensão do lugar social e temporal, onde foram constituídas as ações morais e o comportamento do personagem João Romão. Tudo isso com a finalidade de análise a partir da obra de Aluísio de Azevedo, O Cortiço, os elementos históricos e éticos que se encontram na narrativa do personagem João Romão. Construindo assim, o perfil das ações morais dos indivíduos no Brasil dos fins do século XIX, a partir das transformações que a lógica capitalista implementou nos costumes e práticas daquele povo.

Para o desenvolvimento desta análise, estabeleceu-se o método de leitura, mapeamento e análise do material bibliográfico utilizado para a construção deste texto, assim, foi realizada uma leitura de modo inicial, onde foram mapeadas as principais discussões e diálogos estabelecidos pelo autor da obra, no que tange o personagem análise, para assim, em um segundo momento, com base nos dados coletados na primeira análise, possa se estabelecer uma discussão acerca da proposta formulada por este trabalho. O material utilizado para este fim consiste no livro de

literatura brasileira O Cortiço, de autoria do literário brasileiro naturalista Aluísio de Azevedo.

## DIÁLOGOS ENTRE A NARRATIVA HISTÓRICA E A NARRATIVA LITERÁRIA

Como tange a proposta, inicia-se essa discussão por meio de uma breve análise sobre a importância do intercâmbio entre história e literatura, tendo em vista o objetivo principal dessa análise que consiste em, a partir de um personagem fictício da literatura, mapear elementos com inferência no real histórico.

Desta forma, compreende-se que, em especial no que diz respeito ao material historiográfico produzido no recorte temporal aqui analisado, é possível notar um vazio com relação a produção que abordasse especificamente uma história do período, sendo relegada a abordagens históricas interligadas ao passado do imperial e colonial, ambos coordenados por historiadores em sua maioria filiados ao IHGB (Instituto Histórico Geográfico), que produzia uma história em grande medida, de caráter nacionalista e saudosista (JANOTTI, 1999).

Em certa medida, a literatura mostrou um espaço contrário a essa prática e muitos dos literários tornaram-se vozes de um período marcado por fortes transformações e convulsões sociais apresentando um lugar de "consciência histórica", pois compartilharam em suas obras as experiências históricas e sociais as quais presenciaram em suas vivências, prestando lugar e voz a sua contemporaneidade. Só algo como isso bastaria para comprovar que a literatura dispõe um lugar de importância no que compreende o pensamento histórico, pois, como lugar de produção e diálogo com o conhecimento, a literatura por muitas vezes exerce uma liberdade de percepção tão grande que atinge lugares, que, em outrora, eram pouco perceptíveis e, por este motivo, traz consigo detalhes, lugares, personagens, sentimentos e visões substanciais para compreensão do mundo humano, o "reino cultural".

Assim,

Clío se aproxima de Calíope, sem com ela se confundir. História e literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música (PESAVENTO, 2006).

O campo interdisciplinar criado entre história e literatura, certamente, torna-se tão rico que seria pouco substancial dispensar tal intercâmbio, tendo em vista, que os pressupostos deste contato só tornam-se possíveis quando ambas as áreas são compreendidas dentro de suas particularidades evitando assim, os equívocos de confundir e desrespeitar as singularidades que sustentam as bases de cada um dos saberes. Sendo assim, como um diplomata, o historiador dirige-se à literatura quase que de modo político, como um estrangeiro que busca manter relações recíprocas e enriquecedoras com o outro. Que, por meio do diálogo, pretende estabelecer um espaço de contribuição, reflexão e compreensão.

Aquilo que é "não-material", não significa que seja "não-real", deste modo, quando a literatura fala de um lugar não-material, não significa que seu discurso não predispõem uma não-verdade (ARANHA, 2011). Mas, aquilo que se estabelece na literatura é um modo de linguagem, um modo de tornar o real em uma mensagem, em uma forma de percepção, em uma forma de compreender e entendimento do mundo, tendo em vista, as suas múltiplas fases de assimilação do real em um campo que se estabelece o indivíduo e o objeto.

Desta forma, cabe ao historiador, por meio de seus métodos, mapear, analisar e compreender os elementos que se dispõem na literatura para assim compreender a realidade histórica presente naquele

documento. Tendo a noção de que, antes de tudo, um livro literário é uma produção humana no tempo, então, inegavelmente, interessa ao historiador.

Para Collingwood (2001), o verdadeiro trabalho do historiador consiste, antes de mais nada, compreender o que as pessoas de uma determinada época pensavam para, assim, entender suas ações, levando-nos a perceber o potencial ao qual a literatura desponta para esse exercício, representando um legítimo elemento do pensar e do compreender de uma determinada época. "Assim, literatura e história são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo" (PESAVENTO, 2006). Comportando em si, elementos que dão sentido ao material, quando ultrapassam a pura e simples ação nele constituído.

Operacionalizar os trabalhos históricos no campo de intercâmbio com a literatura é uma atividade histórica rica e crível, tendo em vista as possibilidades e potencialidades que são retiradas deste trabalho em conjunto. Assim, compreende-se que a história só tem a lucrar com essa atividade e, por este motivo, seguiremos por este caminho, entendendo que as perguntas que movem a pesquisa histórica podem ser sanadas de forma lúcida e, em certa medida, seguras pela literatura.

#### **BREVE APONTAMENTO SOBRE O CENÁRIO HISTÓRICO DOS FINS DO SÉCULO XIX**

Antes de iniciar a análise propriamente dita dos elementos morais, os quais se despontam em torno do personagem central da discussão, deve-se ter em vista que este trabalho reflexivo busca compreender este comportamento moral dentro de uma temporalidade, pois, antes de mais nada, ele consiste em um trabalho de caráter histórico. E, por este motivo, deve-se situar a discussão no interior de uma historicidade, entendendo os elementos históricos que permeiam toda a discussão.

Sendo assim, será desenvolvido, ao longo desta reflexão, alguns elementos do quadro histórico e social dos fins do século XIX, compreendendo os fatores históricos que predominaram na formação de um comportamento e entendimento moral interligado a elementos da lógica capitalista no personagem central da análise, o João Romão.

O período ao qual se estabelece essa discussão, relaciona-se de modo direto com as transformações da chamada "Revolução Científico-Tecnológica" ou a Segunda Revolução Industrial. Nessa Revolução, como a própria denominação já apresenta, seu eixo de transformação está no desenvolvimento das técnicas e tecnologias, baseadas no desenvolvimento dos aparatos científicos que servem ao progresso material. Assim,

Ela representava de fato um salto enorme, tanto em termos qualitativos quanto quantitativos, em relação à primeira manifestação da economia mecanizada. Resultante da aplicação das mais recentes descobertas científicas aos processos produtivos, ela possibilitou o desenvolvimento de novos potenciais energéticos, como a eletricidade e os derivados de petróleo, dando assim origem a novos campos de exploração industrial, como os alto-fornos, as indústrias químicas, novos ramos metalúrgicos, como os do alumínio, do níquel, do cobre e dos aços especiais (...) (SEVCENKO, 1998, p. 8, 9).

Tais transformações na nova lógica de produção do sistema capitalista chegaram em larga escala no Brasil. No período ao qual foi escrita a obra, o Brasil já encontrava-se sob o regime republicano, onde a monarquia havia sido deposta em 1889, onde os militares e a classe dominante nacional tiveram responsabilidade sobre a implantação da nova forma de governo, tornando a administração executiva em uma presidência e repartindo os demais poderes administrativos do Estado entre o legislativo e o judiciário.

Uma nova constituição foi promulgada em 1891, as antigas províncias tornaram-se estados com governadores eleitos por voto "popular" e câmaras estaduais de deputados foram implantadas. O voto por renda foi retirado e as eleições tinham como critério de participação por voto: ser homem; maior de 21 anos; ter pai e mãe brasileiros; ser nascido no Brasil e ser alfabetizado.

No que tange o período ao qual se passa a narrativa da obra, o mesmo revela-se em um espaço tempo em que a monarquia se encontra em seus últimos momentos, tendo em vista que ainda não havia sido abolida em lugar da república. Contudo, por mais que o período da narrativa da obra seja anterior à república, o autor apresenta em sua narrativa claros elementos da transformação que se estabelecia no governo republicano. Neste período, o Brasil encontrava-se em crises políticas, o regime achava-se decadente e a monarquia posicionava-se em um espaço desinteressante para os interesses de muitas das classes, como os militares, positivistas e liberais ligados aos grandes latifundiários, chegando a se organizar para depor o regime, cada um com seu interesse particular, despontando em intensas lutas pelo poder (CARVALHO, 2012).

A economia brasileira baseava-se na produção agrícola, tendo seu eixo principal o cultivo e a exportação de café. Tal perfil tornava o Brasil servo e presa das ideologias, práticas e lógicas europeias, onde as grandes potências, em especial, a Inglaterra, monopolizavam as relações econômicas brasileiras. As classes brasileiras, em especial a classe dona dos meios de produção, ligada aos grandes latifúndios, reinavam soberanas nos quadros políticos e administrativos do país. Essa realidade trazia consigo um sistema de controle e exploração entre as relações que se estabeleciam entre as classes dominantes e aquelas que eram dominadas.

No que tange a relação política do país, em especial no período que retrata a narrativa da obra, o Brasil era administrado basicamente por um sistema

estruturado sobre a relação de poder estabelecida entre o monarca e as elites, uma relação de intercâmbio mútuo entre as elites e a monarquia, sustentando, dessa maneira, o próprio sistema imperial (FAORO, 2001). As transformações históricas do século XIX e a nova lógica do mundo capitalista, baseadas na fé do progresso tecnológico, já citada anteriormente, unido ao progressivo desgaste das relações entre a monarquia e as elites levou à ruína das instituições patrocinando, assim, o fim do Império.

As elites desfizeram o Império, contudo, os antigos protagonistas se mantiveram,

A situação deixa claro como a estabilização do país foi comandada por uma elite vinda dos quadros da monarquia, cuja atuação, porém, se efetivava por meio do discurso cientificista e da competência técnica da geração dos republicanos positivistas, como o grupo sob o comando de Rio Branco no Ministério das Relações Exteriores, o que incluía notabilidades como Euclides da Cunha, Artur Orlando e Aluísio Azevedo ou os auxiliares diretos de Rodrigues Alves, os engenheiros Louro Müller e Pereira Passos e o médico higienista Oswaldo Cruz (SEVCENKO, 1998, p. 33, 34).

A República foi proclamada e uma nova constituição foi promulgada, leis com o caráter de pactos econômicos como o Convênio de Taubaté e a chamada Política dos Governadores, mostraram como as articulações da elite no poder – obviamente – visavam apenas um ganho particular, administrando o Estado como ferramenta para atingir seus objetivos. O povo se mantinha alheio ao protagonismo de todo o processo de mudança, restando-lhe apenas o débito das transformações efetuadas por uma classe dominante com discursos nacionalistas e patriotas voltados aos moldes do conservadorismo ufanista, do positivismo e liberalismo burguês europeu.

O Rio de Janeiro, capital do Brasil nesse período, é o cenário central da narrativa do *O Cortiço*, espaço onde prevalecia uma realidade complexa e bastante

conturbada. A cidade que havia sido capital do Império, e agora da República, possuía um considerado contingente demográfico, que vivia às margens desta transformação "positiva" e progressista que os ideólogos da República pregavam, e isso mostra-se bastante notório quando se analisa documentos do período referentes às agitações sociais ocorridas no início da República. A população, em muito, não compreendiam as mudanças que estavam sendo submetidas de modo violento.

Tais transformações mexeram profundamente com as relações dos indivíduos que viveram naquele recorte temporal e espacial da primeira República. Suas experiências de vida dividiam espaço com o desenvolvimento das tramas que o sistema implementava, seja no que se revela no comportamento ao absorver os valores que a lógicas da Segunda Revolução Industrial trazia consigo, seja nas relações mais diretas como as ações operativas do Governo: nos impactos financeiros criados pelo Encilhamento ou nos conflitos sociais desenvolvidos pela Revolta da Vacina. O início da República não foi uma experiência simples, nem muito menos tranquila, seu desenvolvimento foi marcado por convulsões sociais e transformações que influenciaram até o comportamento moral dos seus contemporâneos.

### JOÃO ROMÃO E OS VALORES DO CAPITAL

Pensar a ação moral dos fins do século XIX, tendo em vista as influências do mundo capitalista em transformação, é pensar a predominância dos valores implementados por um sistema que prega a ganância, o individualismo e antes de mais nada a avareza no comportamento dos indivíduos. Ao analisar o comportamento do personagem João Romão, tornou-se perceptível o conjunto destes elementos em suas ações, revelando uma moralidade a serviço do sistema e que compreendia valores ligados à lógica puramente material ou, como diria Max Weber (2004, p. 81), "era a busca da

riqueza por si mesma, pois a riqueza em si é uma tentação".

Como apresenta Azevedo ao longo da obra, João é um português residente em Botafogo, vivia de modo a buscar a riqueza constantemente, suas ações eram devotadas ao propósito de enriquecimento e acumulação. Pois,

João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro. Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações (AZEVEDO, p. 2)

Como é possível perceber ao longo da narrativa, João Romão é um estrangeiro que busca o sucesso nas terras brasileiras, ao custo de qualquer atitude. Suas relações com o capital são estabelecidas em uma atmosfera de submissão dos indivíduos ao material, tendo nesse espaço a predominância dos valores financeiros aos humanos. João Romão, por mais que seja fictício, é um personagem que sem muitas dúvidas possui inferência no real, pois, os valores do capital desenvolvidos ao longo do século XIX encontravam-se no espírito de homens do cotidiano, assim como ele. Sendo proprietário de uma venda, de uma estalagem (Cortiço) juntamente à pedreira, manobrava as relações de lucro no interior dessas propriedades nas quais buscava fazer fortuna.

A avareza tornava tanto Romão seu servo, quanto aqueles aos quais se aproximava de sua vida. Bertoleza, em toda obra, foi vítima das ações avarentas e

desumanas de Romão ao contar do monopólio e furto das suas economias, as relações de submissão servil as quais Romão a submetia, sem para essas revelar qualquer espaço de remorso, pelo contrário, Romão empreendia todas suas investidas no seu objetivo único, o acúmulo e ganho de capital.

Contra todo o costume, abriu-se nesse dia uma garrafa de vinho do Porto, e os dois beberam-na em honra ao grande acontecimento. Entretanto, a tal carta de liberdade era obra do próprio João Romão, e nem mesmo o selo, que ele entendeu de pespegar-lhe em cima, para dar à burla maior formalidade, representava despesa porque o esperto aproveitara uma estampilha já servida. O senhor de Bertoleza não teve sequer conhecimento do fato; o que lhe constou, sim, foi que a sua escrava lhe havia fugido para a Bahia depois da morte do amigo (AZEVEDO, p. 9).

Sua consciência não pesava frente a estas atitudes, a lógica de seus valores estava situada em outro espaço, não valorizava a honestidade e humanidade e a alteridade não tinha espaço na formulação dos seus juízos morais.

Pois, como bom capitalista, "dizia isto com uma convicção de quem tudo pode e tudo espera da sua perseverança, do seu esforço inquebrantável e da fecundidade prodigiosa do seu dinheiro, dinheiro que só lhe saia das unhas para voltar multiplicado" (AZEVEDO, p. 9). Quanto mais riqueza material produzia, mais pobre humanamente ficava, suas relações eram previamente calculadas, pois nenhum prejuízo poderia atingir sua fortuna, o valor era sempre material, nada mais que isso.

A medida de suas atitudes dependia, não de uma formulação de um juízo moral lúcido, racional e humano, mas da relação que se estabelecia com suas ações e suas realidades de acumulação de dinheiro. Bastava pensar em arriscar uma vivência diferente que sua inquietude mostrada o em que era baseado o seu caráter,



E um desgosto negro e profundo assoberbou-lhe o coração, um desejo forte de querer saltar e um medo invencível de cair e quebrar as pernas. Afinal, a dolorosa desconfiança de si mesmo e a terrível convicção da sua impotência para pretender outra coisa que não fosse ajuntar dinheiro, e mais dinheiro, e mais ainda, sem saber para que e com que fim, acabaram azedando-lhe de todo a alma e tingindo de fel a sua ambição e despolindo o seu ouro (AZEVEDO, p. 77).

O vazio existencial que o acúmulo de capital causava em Romão era apenas uma amostra de tantos outros homens de seu tempo, que se rendiam ao sistema capitalista. O vazio de suas vidas era tão grande quanto a ganância por acúmulo de dinheiro, o vetor que os guiava não tinha rumos emancipatórios, não compreendia nenhuma finalidade de liberdade, autorreconhecimento ou felicidade, tal vazio mostrava-se presente em suas ações. A alienação criada pelo sistema atinge de modo tão profundo João Romão que este torna-se mais vítima do que vilão. Romão mostrou estar pouco esclarecido daquilo no qual estava inserido, o português era servo do sistema, não possuía quase nenhuma liberdade e autonomia, caso se desvinculasse daquela realidade, estaria perdido e sua razão de ser não existiria.

Romão não se preocupou com seus próximos em momento nenhum. Exemplo disso foi o episódio do incêndio da estalagem, sua preocupação com a segurança desse espaço pouco se apresentava em suas prioridades, a ponto de a catástrofe remeter a seu próprio desejo, pois a única atenção evidente era para com o seguro que receberia nessa condição, como podemos ver na visita de Miranda onde: "o Miranda apresentou-se na estalagem logo pela manhã, o ar compungido, porém superior. Deu um ligeiro abraço em João Romão, falou-lhe em voz baixa, lamentando aquela catástrofe, mas felicitou-o porque tudo estava no seguro" (AZEVEDO, p. 131). O indivíduo que detém potencial para efetuar esse tipo de atitude, apenas por motivo de um financeiro, certamente, não compreende

outro espaço de interpretação do seu mundo, que não seja a coisificação do ser e como bem nos lembra Marx e Engels (1999, p. 40) "As leis, a moral, a religião são para ele outros tantos preconceitos burgueses, atrás dos quais se escondem outros tantos interesses burgueses".

É difícil fugir das relações históricas e sociais que permeiam o estabelecimento das ações morais, em especial a uma moral submetida aos dizeres de um sistema, como o capitalismo. Deste modo, Romão não era um caso isolado, mas fazia parte de um todo, em um período inconstante, perturbador e complexo como os fins do Império no início da República.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem é um ser em transformação e modificação histórica constante, tal fato nos leva a refletir como os elementos temporais e as relações que se estabelecem em um determinado lugar temporal exercem uma predominância nas ações e pensamentos dos indivíduos de modo profundo.

Por este motivo, entender João Romão é mais que localizar um avaro e desumano indivíduo, mas é reconhecer nesse espaço uma vítima, em potencial, de um sistema e de uma lógica que a torna servo e objeto.

Entender que a literatura propicia esse espaço de reflexão e compreensão de algo tão vital tanto para compreensão do recorte analisado, quanto para compreensão de um comportamento moral guiado pelas relações capitalistas, coisa que ainda hoje predomina no cenário brasileiro de modo geral. A literatura nessa situação, é mais que uma fonte propriamente dita, é um campo substancial para o intercâmbio e mútuos ganhos para ambas as áreas.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Ática, 1998.

ARANHA, Gervácio Batista. HISTÓRIA E FONTES: DIÁLOGOS COM A LITERATURA. **ANPUH**, 2011.

Disponível em:  
[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300851815\\_ARQUIVO\\_TEXTOPARAXXVISNH.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300851815_ARQUIVO_TEXTOPARAXXVISNH.pdf). Acesso em: 24 de Abril de 2016.

CARVALHO, José M. **A formação das almas**: O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COLLINGWOOD, R. G. **A Idéia de História**. 7a ed. Lisboa: Presença, 1989.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **O manifesto comunista**. 5.ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999. 65 p.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder**. Porto Alegre: Editora Globo, 4ª ed., 1977.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. "O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República". In: Freitas, Marcos Cezar de (org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo, Contexto; Bragança Paulista, USF, 1998.

WEBER, M. Weber, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. Antônio Flávio Pierucci (Ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & literatura: uma velha-nova história*, **Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates**, 2006, [En línea], Puesto en línea el 28 janvier 2006. URL:  
<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>. Consultado en 11de maio de 2009. Leia mais:  
<http://www.cadernoterritorial.com/news/historia-e-literatura-um-dialogo-possivel-patricia-martins-alves-do-prado/>

SEVCENKO, Nicolau. "O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso". In: \_\_\_\_\_(org.). **História da vida privada Vol. 3**, São Paulo, Cia das Letras, 2008.